

DA CLÍNICA DO

DESEJO A SUA ESCRITA:

Incidências do pensamento
psicanalítico na escrita de alguns
autores do Brasil e Caribe (1918-1990)

Wilson Alves-Bezerra

**DA CLÍNICA DO
DESEJO A SUA ESCRITA:**
Incidências do pensamento
psicanalítico na escrita de alguns
autores do Brasil e Caribe (1918-1990)



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Alves-Bezerra, Wilson

Da clínica do desejo a sua escrita : incidências do pensamento psicanalítico na escrita de alguns autores do Brasil e Caribe (1918-1990) / Wilson Alves-Bezerra. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2012.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-230-0

1. Ensaios psicanalíticos 2. Psicanálise I. Título.

12-09805

CDD-150.195

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensaios psicanalíticos 150.195

projeto gráfico e capa: Vande Rotta Gomide
imagem da capa: Grete Stern – *En el andén (Sueño Nº 2)* 1949.
Fotomontagem em branco e preto sobre papel 19 x 28 cm.
preparação dos originais: Mariana Marques Moraes

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© *MERCADO DE LETRAS EDIÇÕES E LIVRARIA LTDA.*

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514

13070-116 – Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª EDIÇÃO

AGOSTO / 2012

*Conforme as novas normas da ortografia do
Decreto Legislativo nº 54 de 18 de abril de 1995.*

— IMPRESSÃO DIGITAL —

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Agradecimentos

Guillermo Giucci

Carlinda Fragale Pate Nuñez

Victor Hugo Adler Pereira

Mario Bruno

Ana Costa

Adriana Kanzeplsky

Teresa Cristófani Barreto

Flavia Trocoli Xavier da Silva

Nina Leite

Claudio Castro Filho

Fernanda Shcolnik

Fernanda Castelano Rodrigues

Ana Vicentini de Azevedo

Nelson Viana

Patricia Leme

Naiara Mangino Cardoso

Cícero Alberto de Andrade Oliveira

Luiz Mascio

Claudia Lemos

Reinaldo Montero

Ernesto Olivera

José Luiz Martínez Amaro

Eliane Mara Silveira

Departamento de Letras /UFSCar

Escola de Psicanálise de Campinas

Mercado de Letras

Alunos e orientandos, de agora e de antes.

E especialmente a Jorge Mara (Galería Jorge Mara – La Rouche) pela generosa cessão da fotomontagem de Grete Stern que ilustra a capa deste livro.

escribiendo sobre la arena siempre los mismos textos.
Severo Sarduy, “Dispersión. Falsas notas/Homenaje a
Lezama Lima”, 1968, p. 1180.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
PARTE 1: SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO (1918-1974)	
1. MÁRIO DE ANDRADE, LEITOR EXEMPLAR, SEGUINDO PASSO A PASSO A DOCTRINA FREUDIANA	29
<i>Docteur Freud aporta em São Paulo, anos vinte</i>	34
<i>Freud na imprensa paulistana: Durval Marcondes e Franco da Rocha</i>	36
<i>O primeiro Mário de Andrade</i>	46
<i>A teia dos termos: Viagens das ideias freudianas pelas línguas europeias e leituras brasileiras – instintos, pulsões e impulsos</i>	51
<i>Refoulement, censura, sequestro... e uma fotografia</i>	58
<i>A Dona Ausente e o sequestro</i>	63
<i>Tristão de Athayde e o Lustprinzip – em busca da salvação do Freud decaído</i>	67
<i>Libido x fomes amorosas</i>	73
<i>Amorosa errância entre línguas... Amar, verbo intransitivo</i>	75
<i>Seguindo passo a passo a doutrina freudiana...</i>	87

2. NELSON RODRIGUES, NÃO-LEITOR DE FREUD	91
<i>A cultura freudiana e o psicanalista como tipo social na obra de Nelson Rodrigues</i>	91
<i>Cheiro de psicanálise no galinheiro.</i>	
<i>A atmosfera carioca dos anos trinta</i>	100
<i>Sexo (1934), de Renato Vianna</i>	101
<i>Gastão Pereira da Silva – mascate freudiano</i>	111
3. A PSICANÁLISE EM NELSON RODRIGUES, PARA ALÉM DO GALINHEIRO: TRAGÉDIA E DESEJO	117
<i>Situando a questão: Nelson Rodrigues e a criatura humana</i>	117
<i>Freud, leitor de Schopenhauer, e o enigma de Hamlet</i>	129
<i>Jacques Lacan, leitor de Shakespeare. O desejo em Hamlet</i>	139
<i>A via do desejo feminino em Nelson Rodrigues:</i>	
<i>O que quer uma mulher?</i>	152
<i>Elas gostam de apanhar (1974)</i>	153
<i>O desejo feminino em Senhora dos afogados (1947)</i>	165
<i>Fantasia masculina?</i>	172
<i>Palavras finais</i>	178

PARTE 2: CONEXÃO PARIS-CARIBE (1952-1990)

4. FRANTZ FANON, UMA ESCRITA EM BUSCA DE UM ESTATUTO	191
<i>Que veut l'homme noir? – o avesso da psicanálise de Fanon</i>	191
<i>Lacan e Fanon em torno às tramas do desejo – lendo Kojève</i>	195
<i>Escrita epidérmica ou universalismo à flor da pele – Fanon e a psicanálise</i>	204
<i>Deslocamentos de uma reflexão: clínica e violência em Fanon (1961)</i>	222
<i>Fanon: guerrilheiro e psiquiatra</i>	226
<i>Sobre a violência</i>	228
<i>Da clínica</i>	234
<i>O discurso de Fanon</i>	240

<i>Coda – Adocicando o debate:</i>	
<i>leituras francesas de Gilberto Freyre</i>	245
<i>Uma caricatura de Gilberto Freyre</i>	253
5. PSICANÁLISE À CUBANA: DE FREUD A PAVLOV	263
<i>Das quantas vezes Freud não chegou a Cuba</i>	265
<i>Dois artigos sobre psicanálise em Cuba – olhar da fresta</i>	270
<i>De Freud a Pavlov, via Fidel</i>	274
<i>Lezama Lima – viajante ilhado – a homossexualidade e a psicanálise</i>	279
<i>A rebelião erótica de Reinaldo Arenas</i>	290
6. SEVERO SARDUY E A POÉTICA DO EXÍLIO	299
<i>Severo Sarduy e Reinaldo Arenas em torno a Cuba</i>	299
<i>Escrito sobre o exílio, sob o exílio</i>	303
<i>O exílio barroco do significante laciano</i>	307
<i>Sur Góngora / Sobre Góngora (1966)</i>	312
<i>Barroco y Neobarroco</i>	317
<i>Sarduy, exilado na Rue de l'île</i>	320
<i>Filiação: o Lezama Lima de Severo Sarduy e o seu Fidel</i>	323
CONSIDERAÇÕES FINAIS	333
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	337

INTRODUÇÃO

Há na psicanálise, desde sua origem, uma interrogação sobre o desejo: Lacan enuncia por diversas vezes que a pergunta *Was will das weib?* (o que deseja uma mulher?) teria acompanhado Freud ao longo de mais de trinta anos. Dessa interrogação surge – como a pergunta partilhada no final do século XIX entre Breuer e Freud diante da cama das histéricas – uma clínica que visava dar conta do sofrimento psíquico, aquele que não deixa encontrar no corpo orgânico uma causa cabal do mal que aflige o paciente. Da escuta dessas primeiras pacientes nasce a técnica, também por uma delas nomeada de *talking cure*, que viria a se tornar a psicanálise, a partir do momento em que Freud abre mão da hipnose e passa a escutar a fala desimpedida das pacientes. Assim, dando vazão ao ritmo do dizer é que terminava por irromper na cadeia de fala das pacientes – escutadas pelo psicanalista – aquilo mesmo que, desde que submetido a uma escuta analítica, possibilitaria a cura. Tal momento fundacional da psicanálise é referido pelo próprio Freud quando, em 1909, ao ditar cinco conferências sobre psicanálise em solo norte-americano, conta esta história na primeira delas (conferir Freud 1910).

O outro modo de começar este trabalho seria dizer que Freud foi o responsável pela constituição de uma disciplina que, anos depois, seria considerada como partícipe de um metadiscorso, nos termos propostos por Lyotard (conferir Lyotard 1979). O fato é que certamente há um abismo entre falar que Freud se perguntou sobre o desejo e que foi o partícipe da

constituição de um novo metadiscurso; e o abismo fica mais bem desenhado quando se explicita que há uma diferença entre o discurso universitário e o discurso da psicanálise. Enunciar de ambas as formas o surgimento da psicanálise tem o objetivo, nesta página inicial, de fazer notar o deslocamento ocorrido em relação às ideias psicanalíticas: da clínica à cultura, para dizê-lo de algum modo.

Há uma viagem espaço-temporal de tais ideias da qual procurarei dar conta em alguns aspectos. Trata-se da chegada da psicanálise à América Latina, onde suas ideias incidiram sobre a cultura e a reflexão que se faz tomando o continente como tema, ou como lugar de um pensamento próprio.

É da suposição de que as ideias, inclusive as psicanalíticas, viajam, deslocam-se, e são apropriadas de forma distinta em discursos diversos, que parte este trabalho. O desterrar-se das ideias em geral, e das ideias psicanalíticas em particular, não se limita a seu curso geográfico em torno ao globo; no caso da psicanálise, assistimos, ao longo do século vinte, um deslocamento da clínica à etnografia, à sociologia, à literatura, ao teatro, ao cinema, ao mercado, numa palavra, da clínica à cultura. Mas, há que se perguntar: A questão fundadora da psicanálise – aquela que procura dar conta do desejo, e de dizer algo do sofrimento humano – a incômoda pergunta que surge como razão de ser da psicanálise, ao passar para o lado da cultura, manteve-se ou não a mesma?

Edward Said, ao tratar do que ele chamará de *traveling theory*, uma engenhoca conceitual que permite acompanhar a metamorfose de uma ideia ou teoria, servir-nos-á para rastrear aquilo que, tendo surgido no texto de Freud, volta a aparecer noutro texto, contexto e lugar, a saber, os textos de alguns artistas, médicos e intelectuais da América Latina, desde o final dos anos dez do século vinte. Ao propor este trajeto, termino por fazer – se não uma história – um mapeamento da entrada dos textos de psicanálise no continente nestes primeiros tempos, tratando de ver o que se transmite daquilo que fora pensado sobre o sofrimento psíquico, o desejo e a clínica para o outro lado: trata-se de ver o que se passa quando isso se torna objeto cultural, partilhável, seja sob a forma de teoria, seja como objeto artístico. Dito de outra forma, de *clínica do indizível pela fala* a *artefato partilhável da cultura*, o que passou de um lado a outro? Tal pergunta é guia que conduz para um ponto cego, algo que poderá ser, quiçá, melhor falado ao final destas linhas.

O que podem falar sobre o desejo, à maneira da psicanálise, o teatro, a teoria, a literatura?

Não cabe, na hipótese que ordena este trabalho, qualquer purismo. A viagem das ideias, seria possível dizer, é desejável, não fosse o fato de ela ser contingente. Há que se dizer que o autor destas linhas mantém-se numa posição que cabe aqui explicitar: ao assumir como pressuposto a *traveling theory* de Said, partilho da hipótese de que a psicanálise consiste num conjunto de ideias mais ou menos articuladas, o que equivaleria dizer, um corpo de reflexão; e ao mesmo tempo, ao perguntar sobre o lugar da questão do desejo na teoria, coloca-se em cena o que é da ordem propriamente da clínica psicanalítica. A posição adotada, portanto, parte da especificidade de dois discursos, o universitário e o da psicanálise, para ver como se dão as passagens de um lado a outro, sem ignorar que são estruturalmente irreduzíveis um ao outro. Assim, vale explicitar que é de ordem diversa o que se postula na clínica e as várias derivações obtidas no campo da cultura.

Outro título deste trabalho poderia ser *Freud e Lacan lidos por não-psicanalistas latino-americanos*. E parte-se aqui da hipótese de que nem sempre serão leituras estéreis. Talvez seja ocioso dizer que não se pode partilhar aqui da noção de *ideias fora do lugar* – título do célebre artigo de Roberto Schwarz (1977[2000]) – porque o pressuposto destas linhas é que primeiramente importa como um sujeito, em determinado lugar, pensa uma determinada ideia, tornando-a outra, diversa e, paradoxalmente, afeita a seu entorno. Não se parte, portanto, da noção de que uma ideia inapropriada causa um estrago, que uma ideia pudesse chegar “antes da hora”, e sim que a ideia se molda ao meio, ao passo que o transforma, ao também se transformar.

Cernido o lugar, América Latina, opta-se, por questões de exequibilidade do trabalho, por um recorte ainda mais cirúrgico. Trata-se de duas das comarcas culturais do continente:¹ Brasil e Caribe. Escolher duas regiões

-
1. O conceito de comarca cultural foi pensado por Ángel Rama ao debruçar-se sobre o continente latino-americano para além de suas diferenças linguísticas imediatas, com o intuito de pensar em termo de unidade. Para Rama, as comarcas seriam regiões nas quais “los elementos étnicos, la naturaleza, las formas espontáneas de la sociabilidad, las tradiciones de la cultura popular convergen en parecidas formas de creación literaria” (Rama 1970[1977, p. 211]). Apesar de no contexto dos anos setenta, em que tal teorização foi concebida, o objetivo

latino-americanas e nelas alguns autores, quando talvez bastasse uma região e um autor ou dois, ampara-se na possibilidade de escrever de alguma forma a história desta chegada, ou esboçar dela um mapa; o histórico e o geográfico não são desprovidos de interesse na medida em que os autores estudados têm incidências da psicanálise em contextos específicos e diversos, como podem ser o tratamento de pacientes na guerra da Argélia, a produção literária vanguardista na São Paulo dos anos 20, a imprensa e o teatro carioca dos anos 50, a reflexão sobre a escravidão dos negros caribenhos feita por um martinicano na França ao longo dos anos 50, e a teorização estruturalista sobre o barroco hispânico, escrita por um cubano autoexilado na Europa ao longo dos anos 60 e 70.

Tanto no caso brasileiro, quanto no caribenho, o momento do qual busco falar é o dos primeiros tempos de uma chegada: o afluxo de uma primeira onda freudiana em São Paulo, e seu primeiro refluxo no Rio de Janeiro, anos depois, quando Freud não parecia estar em voga no Brasil. Da mesma forma, no Caribe, os anos cinquenta e sessenta representam, se não uma chegada, ao menos uma partida. Pois o afluxo das ideias de Lacan nos caribenhos implica um deslocamento diverso. Regra geral, não são os livros que chegam, mas caribenhos que partem; eis porque a segunda parte deste trabalho sintomaticamente se denomina *Conexão Paris-Caribe*. Uma sorte de impermeabilidade caribenha ao pensamento psicanalítico é que a faz estar presente nestas páginas, e logo, traz de volta a França, tão importante na difusão paulistana dos anos vinte, para o centro da cena.

Parte-se, na segunda parte do trabalho, com Frantz Fanon, psiquiatra nascido na Martinica Francesa, que chega à França no período imediatamente anterior ao processo de descolonização da África, já nos anos 60; na obra de Fanon se conjugam a reflexão teórica e a clínica, marcadas pela pulsação do momento histórico.

fosse construir politicamente uma grande América, a grande validade vigente de sua teorização é postular outras unidades no território que antecedem a descoberta dos europeus, o que permite aproximações para além daquelas trazidas pelas fronteiras nacionais contemporâneas. Não que toda a América fosse o mesmo, mas toda ela passa pelo processo de colonização europeia, e posterior balcanização. Assim, partilhando traços culturais comuns, proponho-me a ver como incide o pensamento analítico em duas das comarcas latino-americanas: a brasileira e a caribenha.

Ato seguido, aborda-se o *nunca chegar* da psicanálise a Cuba, e perscruta-se as particularidades da Ilha, como forma de analisar a incidência do pensamento analítico na obra de autores que não são de forma alguma alheios ao pensamento cristão. Assim, será objeto de análise autores como José Lezama Lima, Virgilio Piñera, Reinaldo Arenas. Dada a especificidade de sua obra, o capítulo final apresenta um desdobramento de tal problemática na obra ensaística de Severo Sarduy, cubano em autoexílio parisiense, que publica ativamente na América Latina.

É a partir de tal multiplicidade que me proponho a perguntar sobre a natureza da relação destes intelectuais com as ideias de Freud e Lacan. O estabelecimento dos marcos temporais (1918-1990) responde ao momento primeiro da chegada das ideias psicanalíticas a São Paulo, com a fundação da cadeira de psiquiatria pelo médico paulista Francisco Franco da Rocha, entusiasta das ideias de Freud, autor de artigos na grande imprensa sobre o fundador da psicanálise, futuro autor de uma importante obra de divulgação científica e que, paradoxalmente, jamais clinicará como psicanalista. O marco final deste recorte é a escrita das memórias de Reinaldo Arenas, *Antes que anochezca*, no exílio, em Nova Iorque. Este marco final coincide com a morte de dois dos autores cubanos analisados na parte dois: além do próprio Arenas, que se suicida ao final de suas memórias, também Severo Sarduy, cuja vida chegaria ao fim no ano de 1993. Este recorte temporal equivale a um trajeto, do mais poroso – a São Paulo modernista dos anos vinte – ao mais impermeável – a Cuba Castrista dos anos sessenta, onde a psicanálise que entrou não conseguiu ficar. Por isso, além de porosa, a história das ideias analíticas no continente espraia-se para além dele, e passa por Paris – onde se sediou Sarduy – e Nova Iorque – onde foi se abrigar Arenas. Ir além do purismo geográfico, aceitar a nacionalidade como conceito poroso e movente, é que permite, por exemplo, um encontro imprevisto entre as ideias de Frantz Fanon e Gilberto Freyre num improvável debate na França, quando da tradução da obra do brasileiro no mesmo ano da publicação de *Les damnés de la terre*, obra de Fanon onde a questão do ódio racial está em primeiro plano.

Que Gilberto Freyre e Reinaldo Arenas não tenham lidado com a psicanálise é um fato, embora Freyre tenha chegado a ler e comentar algo de Freud. Mas há que se dizer que entre Franco da Rocha e Severo Sarduy, sem buscar de forma alguma à exaustão, surgem alguns autores que serão pontos de força, como os dois citados, por encamparem discussões que não

são alheias às dos autores estudados; assim, no contraste, a posição deles afigura-se como fundamental. Outros haverá ainda que oferecem aos leitores alguns poucos textos que tem papel de difusão importante e que, de alguma forma, antecipam formulações psicanalíticas fundadoras, daí sua presença no trabalho.

Assim, no capítulo primeiro, que tem por cenário a São Paulo dos anos vinte, e o grupo dos modernistas, por um lado, e a faculdade de Medicina de São Paulo, por outro, a ênfase recairá sobre Mário de Andrade, leitor atento, diligente, anotador dos seus seis exemplares franceses da obra de Freud² presentes em sua biblioteca pessoal. Entram ainda nesse primeiro capítulo, na medida em que participam do debate freudiano, o já citado Francisco Franco da Rocha, e o pensador cristão Tristão de Athayde, dois autores laterais, num primeiro momento, mas que logo mostram sua importância no panorama de debates no campo cultural.

O capítulo 2, ainda no Brasil, desloca-se para o Rio de Janeiro, a partir dos anos trinta, e quer dar conta do fenômeno da difusão da psicanálise por sua não-leitura. As ideias vão se difundindo não mais pelas leituras diligentes de figuras como Mário de Andrade ou Franco da Rocha, mas por uma certa diluição, vulgarização, que se mostra em sua entrada massiva pela via da imprensa e da dramaturgia (seguindo uma tendência norte-americana da época). A figura que norteia este capítulo é o dramaturgo, cronista e comentarista esportivo Nelson Rodrigues, através de suas diversas menções aos psicanalistas e a Freud em suas crônicas e peças teatrais. Mas para que se possa dar conta do fenômeno aludido, comparecem figuras hoje menores ou desconhecidas como o dramaturgo Renato Vianna, autor da precursora *Sexo* – peça de teatro com referências diretas a Freud, encenada em 1934; surge ainda o singularíssimo Gastão Pereira de Andrade, médico ao qual caberia nos dias atuais a anacrônica pecha de

-
2. Considera-se aqui que a imensa maioria dos latino-americanos leu Freud, nos primeiros tempos, a partir do final dos anos dez, em traduções inicialmente francesas, e logo inglesas, para só então surgirem as primeiras versões hispânicas ou em língua portuguesa. De forma que a tradução participa deste processo de viagem das ideias freudianas. Ao introduzir a questão da leitura de traduções no caso específico de Mário de Andrade, mas também marginalmente nos demais autores, revelo a pretensão de aportar algo à história das traduções freudianas, através de sua recepção no Brasil, embora este, obviamente, não seja o objetivo principal deste trabalho.

marqueteiro, por seu papel de massificador da psicanálise, numa atuação que poderia ser exemplificada pela interpretação – freudiana – de sonhos, através das páginas de um magazine.

O capítulo 3 representa uma mudança de rumo no trabalho. Pois a recepção da obra freudiana e as incidências da mesma não se deram sempre da mesma maneira, por uma “correta” leitura. De sorte que o capítulo terceiro consiste em, após ter considerado que a incidência de Freud em Nelson Rodrigues não se dá por via da leitura, qualificar a relação entre a obra do dramaturgo e cronista e a psicanálise. Parto da hipótese de que o diálogo entre Nelson Rodrigues e o pensamento analítico ultrapassa em muito as menções satíricas e a macaqueação da vulgata psicanalítica; para tanto, a obra de Renato Vianna e a de Gastão Pereira de Andrade teriam sido suficientes. Certamente, Nelson Rodrigues insere-se na tradição psicanalítica, não só pelas diversas menções satíricas aos analistas em peças como *Viúva, porém honesta*, ou em diversas crônicas. Há mais.

É quando lanço mão de uma hipótese forte para a leitura do dramaturgo, a qual vai buscar a natureza da relação noutra parte, através da aproximação do teatro de Nelson Rodrigues com o teatro lido por Freud ou, mais precisamente, procurar *no* teatro de Nelson Rodrigues o que Freud e Lacan buscaram no teatro para o exercício analítico. Com isso, procuro mostrar como esta aproximação da obra dramaturgic de Nelson Rodrigues com a psicanálise dá-se não somente pela via da difusão da vulgata e da sátira – o que a tornaria mero pastiche – mas também por uma via que poderia qualificá-la de teatro psicanalítico, não no sentido em que a obra de Mário de Andrade seria psicanalítica, e sim no preciso sentido de que o seriam a obra de Sófocles e a de Shakespeare.

Estabelecer tal relação entre Nelson Rodrigues e a psicanálise não significa fincar raízes no campo da livre interpretação, mas antes, propor uma leitura do que são as relações que a psicanálise freudiana (e logo lacaniana, pois não são a mesma) estabelece com a literatura. Antes de ser a resposta à pergunta: *como se lê literatura a partir da psicanálise*, tal incursão quer ser a pergunta *como a psicanálise leu a literatura*. Entretanto, tal indagação leva – retroativamente – a uma pergunta sobre o capítulo primeiro, que poderia ser traduzida por *como se escreve literatura a partir da psicanálise*, a qual, obviamente, recai sobre a obra de Mário de Andrade, escrita a partir de leituras atentas a Freud.

Com isso, estou dizendo que este trabalho, para além de uma cronologia, busca também uma topologia. Pois parto do princípio de que encadear nomes e obras que trazem rastros de Freud ou Lacan seria reduzir o que é clínica à teoria, e reduzir a influência a uma relação mecanicista de incidência direta. Para poder responder a isto que questiono já nas primeiras linhas da introdução – o que passa da clínica à cultura pela escrita literária ou ensaística – é preciso interrogar o trajeto particular dos autores trabalhados. O exercício de literatura comparada mostra então sua produtividade, ao nos permitir colocar em contraste Mário de Andrade e Nelson Rodrigues, qualificando dois projetos distintos de escrita que permitem que nos interroguemos sobre as vicissitudes da relação entre literatura e psicanálise. E, para isso, ter exposto a presença da psicanálise na obra de cada um terá sido fundamental para qualificar este movimento na escrita de ambos.

Daí é que após um mapeamento espacial e cronológico – que poderia ser história e mapa, e que tem lugar nos dois primeiros capítulos –, a partir do capítulo terceiro é possível pensar nos textos de Freud e Lacan, agora não mais como matrizes das quais se rastreia as marcas, mas como um pensamento rico que pode iluminar a posição dos dois autores em relação àquilo mesmo de que se ocupa a psicanálise: o desejo.

De forma que a primeira parte do trabalho encerra-se com algumas hipóteses sobre as relações entre literatura e psicanálise, a partir das obras de Nelson Rodrigues e Mário de Andrade. Se bem sucedida, tal parcela do trabalho terá dado conta de escrever, em traços gerais, a crônica da chegada da psicanálise ao eixo Rio-São Paulo na primeira metade do século vinte; analisar sucintamente um pouco da influência que o pensamento psicanalítico exerce na cultura paulistana e carioca, através de livros e revistas publicados na época; aferir como se dá a passagem do que é do campo da psicanálise para o campo da literatura; discutir as relações entre psicanálise e literatura a partir de dois escritores canônicos: Mário de Andrade, assíduo leitor freudiano, e Nelson Rodrigues, que não leu Freud. Eis as focalizações da quais tal seção do trabalho terá pretendido dar conta.

Na segunda parte do trabalho, quando o olhar volta suas atenções ao Caribe, são feitas duas escalas insulares: uma na Martinica e outra em Cuba. Nota-se, logo num sobrevoo, uma certa impermeabilidade às ideais psicanalíticas envolvendo as ilhas caribenhas no correr do século vinte. Por outro lado, como já antecipei acima, é notório o movimento distinto: agora

não são mais os livros que migram aos imóveis Mário de Andrade e Nelson Rodrigues – que, ao que consta, jamais abandonaram o solo brasileiro³ – os migrantes agora são, em sua maioria, os artistas. As figuras de Mário de Andrade e Nelson Rodrigues mostram seu caráter de imobilidade, se contrapostas aos irrequietos Frantz Fanon, Severo Sarduy e, em menor medida, Virgilio Piñera e Reinaldo Arenas.

Assim, nos anos cinquenta, não há propriamente uma entrada do pensamento de Lacan em nenhuma das ilhas caribenhas, o oposto é que é vale: o Caribe vai a Lacan. Tal movimento inovador não será sem consequências, nos termos que propus neste trabalho: pois tal relação implicará uma inscrição de vanguarda por parte de alguns pensadores latino-americanos nas ideias psicanalíticas, a qual parte já da releitura que Lacan faz de Freud em seus seminários e em seus *Écrits*. Entretanto, diferentemente do que terá sido mostrado do caso brasileiro, não só não entra no Caribe nesses primeiros tempos uma clínica freudiana, como sequer uma clínica lacaniana.

A parte dois, portanto, inicia-se pela pequena ilha da Martinica, na qual se destaca uma figura singular, que poderia causar espécie, pois muitas vezes sequer se emparelha a Martinica como parte da América Latina. Mais do que fazer a apologia do seu pertencimento, o que interessa é fazer notar o leitor que embora o processo de colonização e de descolonização, a língua falada sejam diversos das porções lusitanas e hispânicas da América Latina, é importante refletir sobre os possíveis diálogos que permite a articulação dessa banda francófona ao restante do território latino-americano. Por mais que as diferenças linguísticas e históricas sejam notáveis, as semelhanças existentes justificam a aproximação e – até pelo contraste – iluminam alguns pontos.

A figura a ser tratada, como disse, é Frantz Fanon. De todos os autores analisados ao longo destas páginas, Frantz Fanon é o único que passou por um processo de formação institucional clínica (foi médico com especialização em psiquiatria), e que realmente clinicou; havendo produzido, além do mais, uma reflexão sobre a clínica. Assim, Fanon apresenta-se como um ponto de inflexão neste trabalho. Trata-se de um primeiro momento em que, no trajeto proposto, teve-se como ponto de partida a *clínica do desejo* e proposto como ponto de chegada a *escrita da clínica*. Fanon

3. Excetuando-se as incursões de Mário de Andrade às fronteiras amazônicas, documentadas em seu *O turista aprendiz*.

é um autor que se debruçou sobre ambas as questões ao longo de sua obra, pois há em seus livros tanto uma pergunta sobre o desejo quanto uma articulação do pensamento analítico com vistas à reflexão social; comparecem portanto, de maneira nem sempre harmônica, clínica e ensaio antropológico na escrita de Fanon. Além do mais, no marco da pergunta fundadora de Freud – *Was will das weib?* – a reelaboração proposta por Fanon nas primeiras páginas de seu primeiro livro é *Que veut l'homme noir?*, O que quer o homem negro? O desejo do negro, portanto, é a chave a partir da qual se poderá discutir o pensamento de Fanon.

Servindo de uma sorte de contraponto brasileiro, proponho, ao final do capítulo, uma breve articulação entre o pensamento de Fanon acerca do negro, ao de Gilberto Freyre. Freyre serve a esta reflexão na medida em que seu *Casa Grande & Senzala* é publicado em francês no mesmo ano de publicação de *Les damnés de la terre*, de Frantz Fanon, criando no ambiente cultural francês um debate entre ambos os autores não acontecido em terras americanas. E ainda, um rápido cotejo com a peça *Anjo Negro*, de Nelson Rodrigues, que não é alheia à problemática do negro, e tampouco à reflexão de Gilberto Freyre.

O capítulo 5 parte para a Ilha de Cuba. E ressalta uma forte intervenção estatal naquilo que é da ordem da clínica na Ilha. A história recente de Cuba é a história de gestos oficiais de Fidel Castro regulamentando uma política psiquiátrica. Como se sabe, as ideias não entram nem saem por decreto, mas pensar no papel do governo cubano é fundamental para refletir sobre o que é da ordem da psicanálise em Cuba. Além disso, como já antecipado acima, um novo elemento é acrescentado na análise, a forte herança católica presente na Ilha, outro entrave à circulação das ideias psicanalíticas. Totalitarismo e catolicismo não são certamente condições propícias para o pensamento psicanalítico. É nesse ambiente hostil que, à maneira do que é realizado no capítulo primeiro quanto à entrada da reflexão sobre a psicanálise nas revistas culturais, será feita uma varredura em busca de vestígios de Freud nas revistas culturais cubanas. Para logo encontrarmos nos textos das revistas psiquiátricas, já sob o regime de Fidel, as fortes tentativas de apagamento da mínima presença de uma clínica freudiana na Ilha. Aí comparecerão José Lezama Lima e Virgílio Piñera, dois dos escritores que de alguma maneira encenam as tensas relações com a obra do vienense em Cuba. Na geração seguinte, analisarei brevemente a

obra de Reinaldo Arenas, tomando-a como uma singular apreensão entre o político e o sexual no ambiente católico e repressivo da Ilha.

E é então necessário, de modo semelhante ao que já ocorrera nos dois capítulos sobre o Rio de Janeiro, estabelecer um corte, legando o capítulo final da tese à obra de Severo Sarduy. As muitas peculiaridades do cubano obrigam a que sua obra seja – mesmo que brevemente – analisada numa seção à parte. Contemporâneo de Reinaldo Arenas, Sarduy sai de Cuba ainda jovem, e escreve a quase totalidade de sua obra em território francês. Assim, por essa contingência histórica, poder-se-ia considerar sua produção crítica e literária como sendo francesa, e não cubana. Pois é fato que Sarduy encontra entre seus pares parisienses uma companhia intelectual e pessoal para levar a cabo sua produção artística e suas reflexões – pois publica seus livros em francês pela Seuil, a cargo de seu namorado François Wahl, filósofo e editor dos *Écrits*, de Lacan. Mas também é fato que, ao mesmo tempo, faz pleitos diversos para garantir que sua obra circule também na América Latina, em língua espanhola. Sirvam-nos dois exemplos: Sarduy conta em um de seus muitos escritos autobiográficos que após a recusa por parte de Carlos Barral – editor da Seix Barral – em publicar *De dónde son los cantantes*, segundo romance de Sarduy, escrito em 1967, o crítico e embaixador latino-americano pelo mundo das letras Emir Rodríguez Monegal “invita a dos editores a tomar um trago en su casa (Díez Canedo y Benito Milla); se trata de una encerrona: los dos salen decididos a publicarme. *De dónde* aparece pues en México y antes en Francia” (Sarduy 1975, *apud* 1999, p. 8).

Nota-se, nesta breve história editorial, o empenho em inscrever-se na literatura latino-americana. Poucos anos depois, em 1972, Sarduy apresenta as conclusões de seu livro cosmogônico em preparação *Barroco* (publicado em Buenos Aires, pela Sudamericana, em 1974) para o livro *América Latina en su literatura*, um volume de uma série que – publicada sob os auspícios da Unesco – procurava mapear a produção cultural do continente. Neste volume continental seu ensaio se chamava “Barroco y neobarroco”. O caso do ensaio “Barroco y neobarroco” é fundamental pois nele, fazendo uso de uma teorização europeia em sua grande maioria – Kepler, Freud, Lacan, Barthes etc. – toma como objeto o Barroco, em sua versão hispânica, e nele inscreve não apenas sua própria literatura (o *neobarroco* dele mesmo e de seu conterrâneo e mestre José Lezama Lima), como a política cubana (“Barroco de la revolución.” É a frase que fecha o

artigo). Uma voz poderia erguer-se e dizer que, nesse caso, a produção de Sarduy é francesa, não latino-americana; entretanto é preciso que se leve em conta que se Sarduy encontra entre seus pares parisienses a companhia ideal para sua produção artística e suas reflexões – pois publica seus livros em francês pela Seuil, a cargo de seu namorado Wahl – ao mesmo tempo faz pleitos para garantir que sua obra circule também na América Latina.

Assim, é preciso levar em conta o movimento de Sarduy em direção à psicanálise lacaniana (e ao estruturalismo de maneira mais ampla) na França, ao mesmo tempo em que sua herança cubana mantém-se ativa – de maneira tensa e paradoxal – ao longo de sua produção ensaística.

Emparelhar Severo Sarduy a Mário de Andrade, Nelson Rodrigues e Frantz Fanon serve-nos ainda para marcar a diversidade do que poderia ser qualificado como o *estar na psicanálise* de cada um deles. Lerei os ensaios de Sarduy a partir da perspectiva de uma *poética do exílio*, a qual, a meu ver, perpassa toda a obra do poeta. Qual a composição possível entre Lezama Lima e Lacan, Fidel Castro e nomes como Philippe Sollers, François Wahl e Roland Barthes, na obra de Sarduy? E, finalmente, qual a articulação possível sobre o desejo em sua obra?

Assim, para finalizar esta introdução, seria possível explicitar uma outra focalização que perpassa a feitura deste trabalho e a escolha dos autores analisados, para além dos marcos históricos e geográficos já estabelecidos. Trata-se de explicitar que, como que em *ritornello*, a pergunta sobre o desejo encontra formulações específicas ao longo das quatro unidades propostas. Assim, no capítulo 1 está-se com a psicanálise em Mário de Andrade, com uma obra que encena os postulados freudianos no âmbito do lar burguês. Em Nelson Rodrigues, trata-se do desejo feminino. Em Fanon, do negro. Entre Arenas e Sarduy, a questão pode ser lida em dois níveis: no nível da repressão estatal, e no nível de uma vazão ao desejo do homossexual. Tal seria outro ordenamento possível do mapa proposto.

Como veremos, ao longo das páginas que se seguem, a coisa se complexifica. Mais que postular uma resposta a cada uma das perguntas ouvidas, cabe ver como se sustenta (ou não) o desejo na escrita. Escutar as vozes, atentar às escritas e ao que elas detonam é o objetivo das páginas a seguir.